

ENTREVISTA COM O APOIO DE:



CENTENÁRIO
CAIXA DE CRÉDITO DE LEIRIA
1915-2015



ANTÓNIO GOMES

Investigador, colunista e autor **O gosto pelas viagens e pelo Sporting**

Bernardo Pires de Lima nasceu em Lisboa em 1979. É investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, do Centro para as Relações Transatlânticas da Universidade Johns Hopkins, em Washington, colunista de política internacional do *Diário de Notícias* e comentador da mesma área na *RTP* e *Antena 1*. Foi investigador do Instituto da Defesa Nacional, comentador residente da Rádio Renascença e TVI 24, e colunista do jornal *i*. As suas opiniões têm aparecido

com frequência na imprensa nacional e estrangeira. É autor de *A Cimeira das Lajes: Portugal, Espanha e a Guerra do Iraque* (2013) e de *Blair, a Moral e o Poder* (2008) e prepara mais três livros para saírem até ao final de 2016. Esteve recentemente na Arquivo Livraria, em Leiria, onde apresentou o seu livro mais recente “*Síria em Pedacos*” (2015). Casado e pai de duas crianças, Bernardo Pires de Lima ocupa o tempo livre com várias paixões: os filhos, o desporto, as viagens e o Sporting.

do Islão. O radicalismo foi sempre mais audível do que a moderação. É uma culpa que os moderados muçulmanos também carregam. **Os cristãos também têm a sua responsabilidade...**

O que estamos a viver na Europa são os partidos pró-integração cada vez mais mirrados, suportados em coligações que vão desde a Escandinávia até ao Sul da Europa, por partidos de extrema esquerda ou de extrema direita, cuja agenda externa é mais ou menos a mesma. Ou seja, pôr em causa a pertença à União Europeia, à Aliança Atlântica, pôr em causa as lideranças europeias, e com uma agressividade política e discursiva anti-islâmica em momento de crise económica e de desemprego alto. É errado, estigmatiza qualquer refugiado ou exilado que professe a religião islâmica como potencial terrorista, quando isso não é assim. Felizmente, os radicais são uma ínfima minoria no Islão. Têm é uma propaganda e um método mais estrondoso e mediático.

E há quem aponte a intervenção ocidental no Médio Oriente como catalisador do Estado Islâmico.

A guerra civil no Iraque, depois da intervenção ocidental, foi um caldo que alimentou as cisões dentro da Al-Qaeda e o financiamento e recrutamento do Estado Islâmico. Mas ninguém nos pode dizer verdadeiramente que, se não tivesse havido intervenção norte-americana, não estaríamos na mesma situação. Até porque o que está em causa é também uma guerra que manipula o Islão para um fim político, numa guerra pela patente dentro do próprio terrorismo islâmico. Não é por acaso que a Al-Qae-

da não se revê no Estado Islâmico e vice-versa.

E a que se deve a radicalização de europeus, integrados na Jihãd?

A uma alienação social brutal, uma ausência de pertença a uma nacionalidade ou a uma comunidade, uma falência dos modelos de integração de minorias nas grandes capitais de países ricos, como Estocolmo, Berlim, Paris, Bruxelas ou Londres. Isto porque não é só na orla Sul mediterrânica que estas bolsas radicais se formam. Há modelos de guetização que não têm funcionado a favor da moderação do Islão. Isto é um problema com o qual nos devemos confrontar nos próximos anos, porque muitos partidos políticos destes e de outros países estão a alimentar também a sua narrativa de choque entre a pureza ideológica e religiosa da Europa, de matriz cristã ou judaica, e a invasão que as minorias supostamente estão a fazer em cada capital. Precisamos de reconquistar o espaço da moderação política, dos compromissos sociais e derrotar todo o tipo de radicalismo, seja ele islâmico ou de outra natureza.

O Papa alerta que a Terceira Guerra Mundial está a começar. Concorda?

Discordo em absoluto. Não só porque as duas guerras mundiais tiveram o Estado como elemento central na beligerância, um cenário pouco previsível a um nível global e tremendo nos dias de hoje, mas porque esse tipo de observações são o que o ISIS mais quer: galopar a ideia de choque apocalíptico dentro da civilização islâmica, entre esta e a ocidental, num caos permanente e num terror perpétuo. O Papa devia ser mais sensato nos alertas que faz.